

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Mentiras, boatos e fake news



João Batista Damasceno
doutor em Ciência Política e juiz de direito do TJ/RJ

“Tudo o mundo é visível menos aquele que se encontra atrás das câmeras! A contestação às opiniões emitidas pela televisão não é ouvida. Sede de uma comunicação imaterial, o centro de produção de imagens foge a qualquer controle. As Câmeras podem entrar em toda parte... salvo nas sedes das grandes empresas de mídia”. A frase é do juiz francês Antoine Garapon em seu livro ‘O juiz e a democracia: o Guardião das Promessas’, publicado ao tempo no qual a Comunicação Social era produzida, sobretudo, pelos canais corporativos de comunicação.

Mentira sempre existiu. Boato idem. Igualmente os meios tradicionais de comunicação abusaram do poder de manipular as notícias. Os padrões de manipulação da mídia tradicional foram diversos: omissão, acentuação de fato irrelevante, atenuação de fato grave ou mesmo o falseamento de fatos. Mas, fake news é uma forma especial de inverdade difundida por meio das novas mídias e com maior potencial danoso. É mais que mentira ou boato, embora os contenha.

As fake news têm o objetivo de legitimar um posto de vista ou prejudicar uma pessoa, grupo ou instituição. A novidade não são as notícias falsas. Mas, o poder viral das fake news em tempo de predominância das novas mídias. Com o avanço tecnológico e maior intercomunicação entre as pessoas e grupos as notícias se espalham rapidamente e as crenças são consolidadas irrefletidamente. As informações falsas apelam para o emocional e por isto as fake news têm maior apelo que as notícias verdadeiras ou aquelas que demandam raciocínios e formulação de juízos.

Neste momento de ascensão do arbítrio, da irracionalidade e da truculência o Poder Judiciário tem buscado



ARTE KIKO

“fake news é uma forma especial de inverdade difundida por meio das novas mídias e com maior potencial danoso”

recolocar-se em seu papel de árbitro de disputas institucionais e conflitos de interesses, depois da derrapada para a margem da legalidade, promovida pelo ‘Principado de Curitiba’. Não era ‘República de Curitiba’, pois nada fizeram republicanamente. A transformação do juiz-vingador em ministro do beneficiário de suas condutas caracteriza o patrimonialismo, onde se confundem interesses públicos e privados. As ilegalidades praticadas pelo lavajatismo possibilitou a crença de que tudo é permitido, ainda que fora dos padrões de comportamento determinados pela civilidade e pela ordem jurídico-constitucional.

O Poder Judiciário está na berlinda. Os que se beneficiaram das truculências praticadas pelo ‘Principado de Curitiba’ pretendem que tal poder continue a lhes prestar serviço. E por isso os magistrados estão sendo atacados.

No curso da semana que se encerra uma fake news foi difundida por uma das mais antigas e conhecidas jornalistas brasileiras: Leda Nagle. Nela, a jornalista leu postagem num perfil falso, atribuído a um delegado da Polícia Federal, no qual se dizia sobre plano tramado pelo ex-presidente Lula e ministros do STF para assassinar o presidente da Repúbli-

ca. Diante da repercussão da levianidade, ela atribuiu a responsabilidade da divulgação de sua fala a pessoa do grupo do qual faz parte, num ‘mea culpa’ mal disfarçado.

A lei prevê punição para quem imputa falsamente a outrem fato definido como crime, assim como a quem propala ou divulga a falsa imputação. Leda Nagle não é uma estagiária de Jornalismo, nem uma pessoa sem formação suficiente que lhe impossibilitasse desconfiar da falsidade de tão absurdo delírio. Durante 21 anos apresentou o programa Sem Censura, que chegou a ser reprisado em substituição ao programa de debate Espaço Público, apresentado por Lúcia Leme na TV Brasil. Ainda que tenha difundido a grupo determinado tem responsabilidade pelo que fez.

Na mitologia grega, o personagem Édipo, ao descobrir que a desgraça que se abatia sobre Tebas decorria do fato de estar casado com sua mãe, não se desculpou alegando não saber quem era a mulher que desposara. Assumindo sua responsabilidade, furou os próprios olhos e saiu da cidade. Se falta dignidade, aos que causam danos a outrem, para assumirem as próprias responsabilidades não há de faltar instituições que as imponham.

CPI não... vacina e comida sim!



Marcos Espínola
advogado criminalista esp em Segurança Pública

Brasil, mostra a tua cara!...esse era o refrão ecoado por Cazuza nos anos 1980. Talvez, nunca o país tenha estampado ao planeta imagem tão negativa como hoje. No platô da pandemia e com um alto índice de morte diária há semanas, estamos sendo vistos como ameaça mundial. Todos estão temerosos com as variantes do vírus que circula por aqui. Enquanto isso, protagonizamos a instalação de uma CPI que se apresenta muito mais como um instrumento político do que investigativo. Continuamos fora de foco, deixando de lado o que mais interessa no momento que é vacinar, matar a fome e salvar as vidas dos brasileiros.

Recente post que viralizou trouxe reflexão simples, mas que merece atenção. Dizia: “Não vi nessa pandemia pobres roubando mercados por fome, mas vi políticos roubando pobres por gula”. Parece agressivo, mas não é tão nocivo quanto os casos de falcatriuas denunciados ao longo da pandemia.

Em verdade, desde o início não levamos a crise sanitária a sério como deveríamos. Não tivemos um confinamento adequado e que evitasse o

“Desde o início não levamos a pandemia a sério como deveríamos. Não tivemos isolamento adequado e que evitasse a alta dos casos”

aumento dos casos. Perdemos tempo discutindo remédios. Lançamos hospitais de campanha que, na maioria, foram mal utilizados e alvos de suspeitas de superfaturamento. Mesmo com diversos países anunciando a segunda onda no meio do ano passado, por aqui os hospitais foram desmontados, explicitando a falta de planejamento no combate à covid-19.

No início do segundo semestre de 2020 podíamos ter adiantado as negociações com os fornecedores das vacinas, mas não o fizemos. Assim, veio a segunda onda e estamos pagando um preço alto. Entramos 2021 com o caos em Manaus. Pacientes morreram nas portas dos hospitais sem oxigênio. E de lá pra cá cada capital sofre com a superlotação das unidades de Saúde e a falta de insumos, dentre eles o kit para intubação, primordial em casos mais graves.

Hoje, já são quase 400 mil brasileiros mortos e a vacinação, essencial para alcançarmos a tal imunidade de rebanho, tem o seu ritmo inacreditavelmente reduzido. Num país sério, empresários e autoridades deixariam as diferenças de lado para unir forças. Seria muito mais digno com a população e passado o perigo, todos voltariam a trabalhar as suas convicções, interesses e campanhas eleitorais. Mas falta maturidade moral no Brasil, principalmente na classe política. No entanto, ninguém, aguenta mais o menosprezo pela vida. Neste momento não precisamos de CPI, mas de vacina e comida.

Um alerta para a covid na gestação



Isa Colli
jornalista e escritora

É triste e angustiante ver a aceleração dos casos de covid-19 no Brasil, principalmente, das mortes em decorrência da doença. Cada vida ceifada é uma história interrompida. E um grupo de risco que eu gostaria de chamar a atenção é o das gestantes. O número de mortes de grávidas e de mães de recém-nascidos (puérperas) por conta do novo coronavírus mais que dobrou em 2021, em relação à média semanal de 2020, apontam dados do Observatório Obstétrico Brasileiro Covid-19 (OOBr Covid-19).

O levantamento revela que, no ano passado, foram registradas 453 mortes (10,5 óbitos na média semanal). Em 2021, até 7 de abril, foram 289 mortes (22,2 óbitos na média semanal). É um aumento assustador

para apenas quatro meses.

As histórias de quem consegue vencer o vírus são comoventes. A jovem Francinete Pacheco Correia, de 37 anos, já era hipertensa e ficou diabética após a gestação do segundo filho. Tomava todos os cuidados, mas o marido acabou contraindo covid-19 no trabalho e logo depois, ela também adoeceu. Foi internada e entubada. Seu bebê, uma menina, nasceu de cesariana de emergência na UTI, com 38 semanas de gestação. Ela só conheceu a filha depois de 14 dias, quando saiu do tubo. Francinete sobreviveu, mas levará por toda a vida a dor de não ter acompanhado os primeiros dias de vida da filha.

Segundo o infectologista e epidemiologista, Dr. Bruno Scarpellini, cada vez mais grávidas internadas em estado grave com covid-19, às vezes falecendo ou perdendo o bebê. Ele explica que, de acordo com o Programa Nacional de Imunização (PNI), existe uma nota técnica autorizando a vacina à grávida, só que ela só vacinaria pela idade

“Às futuras mães faço apelo: enquanto a vacina não chegar para todas as grávidas, redobrem os cuidados”

ou se tivesse uma comorbidade, como diabetes, por exemplo. A questão, explica Bruno, é que às vezes a diabetes se desenvolve durante a gestação e, neste caso, a grávida teria dois fatores de risco, quer seja a diabetes, quer seja a gestação por si só.

“Só o fato de estar grávida já é um fator de risco para a covid-19”, afirma o médico, acrescentando que um hospital do Rio se tornou basicamente unidade de gestante em estado grave.

O que os profissionais como Dr. Bruno defendem é que grávidas deveriam ter prioridade na vacinação, independentemente de terem ou não alguma comorbidade. Ainda mais neste momento em que se observa um número maior de gestantes nas UTIs.

E às futuras mães eu faço o meu apelo: enquanto a vacina não chegar para todas as grávidas, redobrem os cuidados com as regras sanitárias de distanciamento, uso de máscaras e higienização constante das mãos. Essa doença não é brincadeira.

O DIA

DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600/2222-8650/2222-8651

PRESIDENTE
Alexandre Rodrigues

EDITOR-EXECUTIVO
Bruno Ferreira

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paulo Ricardo Moreira

EDITORES-ASSISTENTES
Max Leone e Ana Carla Gomes

EDITOR-ASSISTENTE DE ARTE
Alessandro Matheus

DESIGNERS
Amaro Prado,
Amaro Prado Junior,
Celso Reis,
Marcela Musse e Thiago Ladeira

INFOGRAFISTAS
Francisco Silva e
Paulo Márcio Esper

DEPARTAMENTOS:

Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br.
Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265.
Fax Diretoria: 2507-1038.

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica. **Gerência Industrial:** 3891-6002.
Gerência de Circulação e Logística: 3891-6005.

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313.

Brasília: Tel: (61) 9920-91891.

Promoções: promocoes@odia.com.br
Classificados: Tel: 2532-5000 / WhatsApp: 98762-8279 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8191 / 2222-8631 / 2222-8388.

Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388.

Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h.

Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).